



André Douek

A assistência no manicômio fica cada vez mais precária e os pacientes não conseguem nem mesmo sementes e adubo para as atividades de laborterapia na horta

Governo abandona doentes do manicômio

CÉLIA ROMANO

Em janeiro, o governador Orestes Quêrcia prometeu acabar em 15 dias com a crise do Manicômio Judiciário de Franco da Rocha. Quatro meses depois, nada mudou — ou melhor, mudou o nome da instituição. A crise, mesmo, agravou-se. Um paciente suicidou-se por falta de acompanhamento, os surtos psicóticos têm sido frequentes, um funcionário foi atacado com estilete por um paciente, as fugas aumentaram e a revolta nos pavilhões também, onde hoje, uma toalha — peça rara — é trocada por cigarro.

Médicos, técnicos e funcionários não escondem o "inferno" (como dizem os pacientes) em que se transformou o manicômio — agora, Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Franco da Rocha. Foi lá que, no mês passado, Luiz Cordeiro Xavier (Xinxá) conseguiu fazer o que antes, por várias vezes, os funcionários conseguiram impedir: rasgou sua camisa, fez uma corda trançada e com ela enforcou-se. Em janeiro, também não foi possível evitar que uma paciente morresse queimada.

Os doentes estão entregues a funcionários insatisfeitos e na iminência de abandonar a instituição — "a isonomia com o pessoal da Secretaria da Saúde, prometida pelo governo, até hoje não aconteceu", explica o diretor do antigo Manicômio, Paulo César Sampaio. Existe apenas um médico psiquiatra para cada grupo de 50 internos — são apenas sete médicos, dos quais três acumulam funções administrativas, de diretores. Muitos com concurso prestado na Secretaria da Saúde, onde ganharão três vezes mais. Francisco Carlos dos Santos aguarda a convocação. Se a situação não mudar, avisa, vai embora: "A gente trabalha por amor, mas não há amor que resista".

As condições de trabalho no Manicômio estão insustentáveis, denunciam. Não faz muito tempo, um médico foi obrigado a atender um caso de emergência no pátio à noite, praticamente sob a luz do luar. O pavilhão, fechado naquele horário, foi aberto porque estava sem lâmpadas — existem pelo menos mais dois pavilhões nestas condições. Neles, cerca de 40 internos dormem, brigam, têm acessos de loucura. A direção necessitava de Cz\$ 400 mil para substituir as lâmpadas queimadas, muitas especiais e caras — e recebeu uma verba de apenas Cz\$ 50 mil, para a manutenção do ano inteiro.

Os psicólogos também estão indo embora — só restam duas profissionais. Uma delas é diretora do serviço técnico complementar, atende

no Centro de Tratamento Intensivo (CTI) e ainda cumpre a função de nutricionista. Atendimentos, só de emergência. Resultado: os surtos psicóticos aumentaram. Há pouco tempo, o atendente Francisco de Assis foi pela primeira vez, em 12 anos, agredido por um paciente no pátio: num acesso de loucura, ele foi



André Douek

Paulo César Sampaio

para cima de Francisco com um estilete, atingindo-o na altura do abdômen. "O pessoal está com medo", diz José Mendes, presidente da Associação de Funcionários.

Nos pavilhões, o clima continua tenso — "aqui é o inferno, moça". R.F.F. (e muitos outros) prefere a Casa de Detenção. Lá tem atendi-



André Douek

Francisco Carlos dos Santos

mento quase que imediato e — o mais importante — suas reclamações chegam mais rápido ao juiz corregedor. R.F.F., viciado, preso por assalto, fugiu do manicômio sem problemas — "virei fumaça" —, mas foi pego num comando policial e voltou. "Fugir não é um bom negócio", para I.J.L., que quer sair em liberdade, mas teme que ela demore. Sua medida de segurança (o tempo que a Justiça determinou para tratamento) termina nesta segunda-feira. "Mas só Deus sabe quando vou embora."

A preocupação de I.J.L. tem sentido. Os laudos e pareceres estão quase três meses atrasados — isto significa que existem perto de 50 pacientes aguardando apenas uma avaliação clínica para deixar o Manicômio. Logo após a sua promessa o governador enviou uma equipe de três médicos para ajudar na perícia. E só. A contratação de pessoal ainda não aconteceu. A instituição até tentou: abriu concurso para o preenchimento de 17 vagas no serviço de enfermagem, mas apareceram apenas seis dos aprovados. Os outros optaram pelas vagas da Saúde, por melhores salários.

"Aqui só não faltam medicamento e comida", denunciam os funcionários. A higiene, por exemplo, começa a ser negligenciada. Uma mesma toalha chega a ser usada por três pacientes — quem tem, faz dela um negócio. Troca por um cigarro. Também não há colchões em estoque — são usados até apodrecer ou ser queimados pelos detentos. Com isso, voltaram as "muquiranas" — os piolhos de corpo e a escabiose, que rapidamente se espalham pelos pavilhões. Roupas de cama e do corpo são trocadas uma vez por semana — e nem todos, devido à demência mental, aceitam um banho de bom grado.

Os pacientes estão no ócio — sem pessoal suficiente, restaram apenas as oficinas de ludoterapia e a horta, como atividade. As duas, disputadíssimas, funcionam precariamente. A horta é mantida por sete presos e muita força de vontade, conta José Mendes, seu encarregado. "Dizem que não há dinheiro nem para comprar o cabo de um machado" — faltam esterco, sementes e equipamentos.

"Ajuda a gente — pede I.J.L. — por um negócio à toa, um furto, me mandaram para esse inferno." Filomena não precisava mais implorar por liberdade. Estava bem, sob controle, ia continuar o tratamento em casa. A crise da instituição "puniu" Filomena. Na semana passada, véspera de deixar o Manicômio, teve uma recaída que poderia ter sido evitada. Agora, está no Hospital do Juqueri.